

## **Conectar e interrogar**

**Mario Hélio Gomes**

Travessão e hífen não são sinais de menos. São pelo menos elos. Nos diálogos escritos, intercâmbio de vozes e interrogações. Linhas contínuas e descontínuas. Como no I-Ching. Ou de modo mais imanente: morses e brailes. - códigos sinalizando, indicando, situando, facilitando os caminhos. Para outros, no entanto, são traços de riscos, pois literatura e insegurança podem ser consideradas quase sinônimas.

Essas duas visões estiveram presentes nos depoimentos e debates do Itaú Cultural sintetizados em dois encontros: Conexões e Interrogação. Um a um. Dois em um. Um em dois. Dentro (as problemáticas da literatura brasileira) e fora: sua recepção pelas editoras, tradutores e professores em outros países.

O Conexões permeado de interrogações. O Interrogação recheado de exclamações onde a perplexidade se expressou em verbetes de riscos substantivos: capitulação, fracasso, sonho, amadorismo, vendas fracas, pouca identidade ou variedade.

Nem tanto à plenitude do mar nem tanto à escassez do deserto, mas o terra a terra terminou por predominar nos discursos. Mais de diagnósticos que de remédios. Nas formulações mais práticas, alguns desejos recorrentes para melhorar as “conexões” da literatura brasileira no exterior: o Instituto Machado de Assis, dicionários especiais para tradutores, preços mais baixos para os livros chegarem aos professores no estrangeiro etc., e na metodologia a integração da literatura com expressões artísticas mais massificadas: cinema e música, por exemplo.

São tênues ou quase inexistentes as fronteiras entre as interrogações e afirmações dos escritores e as conexões que se estabelecem com suas vozes amplificadas fora de Casa. Por tradutores, professores, agentes, editores. Não se trata, obviamente, de um problema novo, mas a forma de abordá-lo se ampliou.

Num livro já antigo, *Dois Brasís*, e provavelmente menos querido hoje do que no tempo em que foi lançado, Jacques Lambert tocava em alguns pontos centrais que estão no subtexto (ou no pretexto) de qualquer discussão que envolva

literatura, sua produção e sua recepção, no Brasil (e sua exportação): a instrução do brasileiro e suas instituições.

Embora, como assinalava Lambert, o título de “Doutor” continue a ser em muitas partes do país um título de ‘nobreza’ pessoal, “que o povo brasileiro tende hoje a empregar como fórmula de polidez para com todas as pessoas cuja superioridade social quer reconhecer”, hoje certamente pode predominar como título acadêmico. O ensino passou a ser um meio de ascensão social. São os doutores os que mais cuidam de projetar a literatura escrita em português brasileiro no exterior. Alguns, como Mário de Andrade, preferem falar em língua brasileira e não portuguesa, e o tema chegou a figurar com mão leve e voz discreta nos debates.

A literatura, assunto principalmente da classe média no país, talvez não seja mais singelamente apenas o sorriso da sociedade, como queriam certos parnasianos, mas perdeu poder e vigor. Ou não dispõe facilmente da capacidade de influir com estardalhaço na realidade.

Exceto por um exemplo ou outro mencionado nas discussões dos Encontros, foi interessante constatar como a ideia de risco – o tema das interrogações – foi explorada muito mais literariamente que literalmente. O risco decerto como metáfora, não como perigo efetivo, num país em que por tanto tempo o simples ousar instruir-se ou imprimir um jornal poderia acarretar sério perigo para a vida do ousado transgressor. Não é necessário ir tão longe ao tempo da Colônia, do Império ou do começo da República. Basta ver o que representavam as associações de escritores, por exemplo, nos anos 1940 ou as polêmicas travadas por intelectuais e escritores nos jornais. Seria o escritor um exemplo daquele cão tolerado pela gerência por ser inofensivo, da conhecida passagem da Tabacaria de Fernando Pessoa?

No caso da Interrogação, os tópicos apimentados das perguntas não ecoaram tanto quanto seria esperado. Apesar da potencial polêmica que os temas suscitavam, as glosas estiveram aquém dos motes.

Há setenta anos, quando da visita da editora norte-americana Blanche Knopf ao Brasil, houve reações críticas. Escritores aproveitaram a ocasião para pôr em discussão as traduções e promoções da literatura brasileira nos Estados Unidos. De um lado, Oswald de Andrade; de outro, Antonio Candido. Ainda que

tenham discordado nos detalhes e se envolvido em algumas polêmicas posteriormente, concordavam nos pontos principais. E um dos alvos de ambos era um escritor que pouquíssimos sabem quem é hoje, mas na época chegou a ser considerado por uma revista norte-americana como um dos mais importantes romancistas brasileiros: Tito Batini. Seu romance *E agora, que fazer* foi visto assim: “senão o maior, pelo menos muito próximo de ser o maior romance brasileiro”.

*E agora, que fazer* era livro de estreia (1941) como romancista. Livro escrito na prisão. Risco duplo, por conseguinte. Tito Batini não recebeu elogios apenas de críticos norte-americanos. Mario de Andrade chegou a afirmar que “Tito Batini conseguiu transfundir ao seu romance um valor épico da melhor qualidade”. Na atualidade, sequer são citadas suas “Memórias de um Socialista Congênito”. Sic transit gloria mundi. A concordar-se com as observações da professora Flora Sussekind (já no encerramento da Interrogação), a literatura brasileira hoje estaria provavelmente num estágio menos alto do que o do esquecido Batini.

Se o tom mais acerbamente crítico não foi o dominante nos dois encontros, pode-se dizer que algum flerte houve com a melancolia. Nesse ponto, o sinal de menos e o elo de ligação por certos momentos se confundiram. Tensões mais intimistas alcançaram resultados até poéticos, como o depoimento sobre “a primeira aula”. Um dos expositores, o escritor e professor José Luiz Passos, tocou no “vazio inaugural”. E também enfaticamente Pedro Meira Monteiro:

“Há que respeitar o peso e o significado daquele vazio que se ‘sente’, no momento decisivo em que o corpo é chamado a dizer coisas que são afinal indizíveis, como se a voz articulada fosse impotente diante de algo que sabemos fundamental, mas que nos escapa em todo o seu alcance.”

Tal vazio pode reportar a mais que um rito iniciático, e remeter ao temor do escritor diante da folha em branco. Quando o papel deixar de ser a metáfora essencial do escritor, devido ao crescente avanço dos meios eletrônicos, ainda sobreviverá quem sabe a ideia de vazio ligada ao branco, como aquele “dar um branco” tão coloquial. Do mesmo jeito que branco não rima somente com o vazio, mas com a luz, e nisto a primeira aula pode alcançar a vibração próxima daquele “primeiro alumbramento” referido pelo poeta Manuel Bandeira.

Do risco ao vazio, e do vazio ao fracasso. Como fracassar em literatura? A provocação, de ares quase metonímicos, facilita a percepção de que provavelmente

o tema oculto dos encontros foi o sucesso. Não é difícil provar que fracasso e sucesso estão conectados, não como xifópagos, mas como santos Cosmes e Damiões da Oportunidade e do Esforço. Nisso, a literatura brasileira, que ainda é uma estranha estrangeira à maioria das gentes, quem sabe no futuro nela se logre que os escritores sejam como aqueles bárbaros tão desejados do poema antológico de Kaváfis.

Curiosa é a evolução semântica das palavras. Mais até do que sua origem, sua etimologia. Sucesso foi promovido de mero acontecimento (muitas vezes negativo, como o sentido que conserva em espanhol) para algo bom e exitoso. Com fracasso se deu algo por assim dizer contrário: transcendeu negativamente aquele velho sentido de grande estrondo ou de queda, como a queda de uma pera, que Eça de Queirós, numa passagem irônica no apêndice d'*O crime do padre Amaro* dizia tanto temer.

Como fracassar em literatura? Não é o título de autoajuda; entretanto, ao apontar para dois gêneros específicos – conto e poesia – reitera o que todos parecem saber: o fracasso, a falha, a falência integram o vocabulário daquela indesejável língua do F falada por uma grande maçonaria, e nela os escritores teriam assento garantido. Aliás, na polêmica em que se envolveu na defesa da maçonaria em Portugal, Fernando Pessoa chegou a se defender da acusação de ser um ‘falhado da vida’, mostrando ao seu adversário José Cabral as razões pelas quais não o seria:

“O Sr. J. C. não pode chamar-me falhado da literatura, porque o Sr. J. C. não é nem o público, para que possa conferir-me ou negar-me a fama, nem a posteridade, para que fossa fazer-me ou não ‘imortal’. Nem ver a propósito, exceto para um cérebro ausente como o Sr. José Cabral, o chamar falhado da literatura a quem acaba de ser premiado pelo Secretariado de Propaganda, que é uma instituição oficial. Voltamos à mesma. Digo: 2 e 2 são 4. Respondem-me que não, porque ainda não consegui comprar um *chalet* no Estoril.”

Com a mesma consciência, paradoxalmente ingênua e irônica, o autor de *Mensagem* chegou a elaborar textos sobre a “ciência de vencer”. Já no seu tempo, como dizia, as livrarias estavam cheias de livros desse tipo. O poeta indicou os três elementos indispensáveis para alcançar o sucesso na vida (tanto material quanto imaterial): “saber trabalhar, aproveitar oportunidades, e criar relações. O resto

pertence ao elemento indefinível, mas real, a que, à falta de melhor nome, se chama *sorte*.” Ele não titubeou em traçar um paralelo entre a poesia e o comércio: “Da simples ‘vontade’ vivem só os pequenos comerciantes; da simples ‘inspiração’ vive só os pequenos poetas. A lei é uma para todos.”